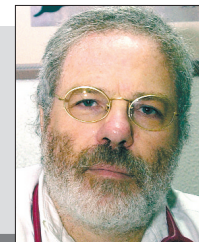


O DIÁRIO DO ZEZINHO (5) — A consulta do primeiro mês



M. PEDRO FREITAS*

Ao comemorar o meu 15.º dia de vida, pela manhã, notei lá em casa um grande alvoroço! Ainda que soubesse, pelas conversas que ia apanhando dos adultos, que os aniversários só se comemoram de ano a ano, cheguei a pensar que, como sou pequenino, toda aquela azáfama se destinava aos preparativos para a celebração dos meus primeiros quinze dias de vida.

Contudo, cedo comecei a aperceber-me do engano, e pior ainda, que, afinal tudo tinha a ver com a minha ida ao Centro de Saúde para fazer as malditas vacinas. Nem queria acreditar! Bem sei que na primeira consulta que tive com o Pediatra, ele tinha recomendado as vacinas contra a tuberculose e contra a hepatite B. No entanto, como vi os dias passarem sem que nada acontecesse, julguei que a minha mãe também já sofria da mesma doença das velhotas lá de casa e se tinha esquecido!

Até parece que estava adivinhando esta cena! Dois ou três dias antes, comecei a ter a nítida sensação de que algo de mal estava para me acontecer e até nem consegui dormir bem durante a noite. Estas insónias foram tão grandes que obrigaram à intervenção terapêutica por parte de minha avó: “Durante o dia, dormir ao contrário”, ou seja, com a cabeça para os pés da cama e lá este anjinho não teve outra solução senão colocar a cabeça onde na noite anterior tinha colocado os pés. Até tem lógica! Como tinha o sono trocado, para endireitá-lo, nada melhor do que lhe trocar as voltas! A sorte foi não transpirar muito e, nisso, não ser igual ao meu pai, senão não sei como iria resistir ao chulé.

Quando minha avó decidiu intervir no tratamento das minhas insónias, ainda deitei as mãos à cabeça, pois cheguei a pensar que iria partilhar com ela as pastilhinhas que tomava todas as noites para dormir.

Ainda a propósito das receitas da minha avó, ela cada vez me surpreende mais, pena é já ser velhota e, por consequência ter alguma dificuldade em colocar a carrada de selos e assinaturas exigidos pelo novo receituário, senão juntamente com a minha tia-avó faziam uma dupla capaz de dar uma ajudinha no serviço de urgência pediátrica do CHF e até resolver o problema da triagem.

Tal como havia acontecido aos 15 dias de vida, no preciso dia em que fiz um mês, voltei a sentir que me estavam a preparar mais alguma. Como “gato escaldado, de água fria tem medo”, desta vez já me coloquei de pé atrás e pensei no pior: Mais picadas!

Felizmente que ouvi minha mãe comentar que ia comigo ao Pediatra, à consulta do primeiro mês. Que alívio e alegria! Alívio porque não iria levar picas. Alegria porque desta vez, como a minha visão já estava um pouco mais apurada iria ver o Pediatra. Aliás, a verdade é que desde a primeira consulta, tinha ficado com a sensação que já o tinha visto em qualquer lado.

Ao entrar no consultório, ia morrendo de susto ao me deparar com um “velho” barbudo de cabelos brancos! Pois é, eu bem sabia que já tinha visto este “gajo” em qualquer parte! Como é que não pude lembrar-me

mais cedo? Então não é que ele é igualzinho a um velhote vestido de vermelho que encontrei lá em casa, junto à árvore de Natal, no dia em que cheguei da maternidade!

Depois de uma curta conversa com a minha mãe sobre aquilo que tinha ocorrido comigo desde a última consulta, despiram-me todo, para que pudesse ser observado, pesado e medido. Desta vez, para que não fizesse nenhum chichi, só por segundos — o tempo indispensável para me pesarem — é que me deixaram sem fralda.

Ao mês de idade pesava 4.750 gramas, media 56 centímetros de comprimento e tinha um perímetro cefálico de 38 centímetros, valores que transpostos para as curvas de crescimento existentes no meu livrinho, correspondiam ao percentil 75.

Ainda que não tivesse percebido bem a explicação dada pelo Pediatra relativamente a

Felizmente que ouvi minha mãe comentar que ia comigo ao Pediatra, à consulta do primeiro mês. Que alívio e alegria! Alívio porque não iria levar picas. Alegria porque desta vez, como a minha visão já estava um pouco mais apurada iria ver o Pediatra. Aliás, a verdade é que desde a primeira consulta, tinha ficado com a sensação que já o tinha visto em qualquer lado.

esta coisa dos percentis, fiquei a saber que os percentis eram uma espécie de caminhos relacionados com o peso, estatura e com a cabeça, que eu teria de percorrer ao longo do meu desenvolvimento. O caminho mais grosso ou escuro, denominado de percentil 50, era o mais normal de todos e, por consequência, o percorrido por um maior número de crianças. Os situados abaixo deste seriam percorridos por crianças menos pesadas, menos compridas e com a cabeça mais pequena, acontecendo o contrário, com os caminhos situados acima.

De qualquer forma, quer uns, quer outros, eram considerados normais e só seriam alvo de preocupação quando, em determinada altura, os registos se afastassem muito dos caminhos em percurso.

No decurso da observação e, porque também não colaborei muito, o pediatra perguntou à minha mãe se eu já esboçava sorriso, se seguia com o olhar, se voltava a face para os sons, ao que a minha mãe respondeu afirmativamente.

Ainda que eu, no decurso de toda a observação tivesse mantido as mãos fechadas, para esconder as unhas por cortar e proteger a minha avó, acabei por ser traído por uns arranhões que tinha na cara. Ao vê-los, o Pediatra logo foi inspeccionar as unhas e como resultado, a minha mãe levou um raspanete. Afinal de contas como ainda não tinha grande

coordenação nas mãos, para além de ferirem a pele, estas autênticas garras, poderiam causar lesões nos meus olhos.

É claro que minha mãe justificou-se como pôde, uma vez que a verdadeira culpada desta situação era a minha avó e as suas manias. Dizia ela que nunca se deveria cortar as unhas antes do primeiro mês de vida, porque se o fizéssemos, iria “atrasar a fala”. É claro que, a minha mãe nem sempre fazia caso disso e lá de vez em quando, às escondidas da minha avó, para que ela não a chateasse nem as cortasse ao dente, lá lhes dava uma tesourada. É claro que pelo sim, pelo não, por causa das bruxas evitava-o fazer às terças e sextas-feiras.

Ainda hoje não cheguei a perceber bem a relação entre uma coisa e outra. Certamente trata-se de mais um dogma!

Já não bastava a história da tesoura debaixo de mim para ficar protegido dessa praga das bruxas, agora eram as unhas, depois era o ritual da cruzinha que me faziam na boca sempre que bocejava, para não entrar “mau

olhado”.

Será para dizer: Se eu não tiver sorte na vida, não é por falta de cuidados e medidas preventivas! Pelo sim, pelo não, para ficar completamente imune só me falta fazer a inscrição no partido político certo. Terminada a observação e depois de ter referido que tudo continuava bem comigo, nomeadamente o umbigo que tanto preocupava a minha avó, o Pediatra recomendou a continuação da amamentação materna.

Entretanto, enquanto passava uma receita contendo os nomes de vitamina C, D e flúor, que diariamente deveria tomar, a minha mãe quase que despejava a carteira — como é hábito nas mulheres — em cima da secretária para encontrar a lista actualizada de dúvidas e onde se destacavam o pus e o lacrimejo que frequentemente me afectava um dos olhos; a língua “enfriada” e o meu sono trocado.

Em resposta, o Pediatra diria que as infecções oculares e lacrimejo eram relativamente frequentes nestas idades e que tinham muitas vezes a ver com algum grau de obstrução do canal lacrimal, ou seja, do canal que transportava o líquido produzido pelas glândulas lacrimais, desde os olhos, onde tinha uma função de hidratação e limpeza, para o nariz. Aliás é por isso que chorar faz “ranho”. Não havendo esta drenagem, o líquido lacri-

mal, que estava constantemente a ser produzido, escorria pela cara abaixo e a limpeza dos olhos não se fazia correctamente, o que levava à acumulação de poeiras e de bicharrada que poderia causar infecção.

A solução para este problema era muitas vezes “dar tempo ao tempo” e, entretanto fazer lavagens frequentes com soro fisiológico ou água fervida, fazer uma ligeira massagem na zona do canal lacrimal no sentido de acelerar a sua desobstrução e, quando necessário, colocar gotas ou pomada com antibiótico.

É claro, que esta dúvida da minha mãe também teve por objectivo testar o tratamento preconizado pela minha avó, ou seja, a lavagem dos olhos com água de “macela”. Afinal de contas por várias vezes tinha sido aplicado e com bons resultados. De acordo com o médico, essa velha receita, pelos anos de utilização que tinha, já estava mais do que testada. Aquilo que desconhecia era se os efeitos terapêuticos do chá resultavam da lavagem ou de eventuais poderes desinfectantes da “macela”. De qualquer forma, não deixou de recomendar muito cuidado e reservas na utilização de chás ou infusões feitos com plantas relativamente às quais não se sabe se são ou não inócuas. Em relação à “língua enfriada”, quando pela primeira vez ouvi a minha avó dizer que eu a tinha e que necessitava ser cortada, para poder falar que nem papagaio, até me deu uns arrepios! Já não bastavam as vacinas, agora também já me queriam cortar a língua! Desta vez, contudo, o pediatra descansou-me, uma vez que disse que os atrasos da linguagem não tinham nada a ver com o freio e que eu não tinha qualquer freio e, mesmo que o tivesse, o seu corte só se justificaria se fosse suficientemente grande para provocar alguma bifurcação da ponta da língua. Quanto ao problema do “sono trocado”, acabei por ficar condenado às indicações terapêuticas da minha avó: dormir com a cabeça voltada para os pés da cama. Ainda que o médico tivesse dito que os bebés tinham um ritmo de sono-vigília próprio e que com o passar dos meses se iria aproximar do dos adultos, quem não estava disposto a esperar tanto tempo era o meu pai e até tinha razão porque, logo pela manhã enquanto eu ficava a dormir ele tinha de ir trabalhar. É claro que esta era uma situação que me preocupava imenso, mas relativamente à qual não tinha qualquer controlo. ■

* Médico Pediatra

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF, no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses decidiu, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbiu essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio e 7 de Junho) foram publicadas as peripécias porque passou desde o nascimento.